

REPRESENTAÇÕES INTERSEMIÓTICAS DO DESLOCAMENTO NAS OBRAS DE PALOMA VIDAL E ANNA MUYLAERT

Mônica dos Santos Melo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

monicasantosmelo@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo traçar um paralelo entre a obra da escritora argentina radicada no Brasil Paloma Vidal, em especial o seu primeiro romance, *Algum lugar* (2009), e o filme *Que horas ela volta?* (2015), de Anna Muylaert, com vistas à exploração de questões como deslocamento, desterritorialização, vidas fronteiriças. Utilizaremos como suporte teórico o pensamento de intelectuais como Édouard Glissant, Edward Said, Néstor García Canclini e Beatriz Sarlo.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Literatura; Deslocamento; Desterritorialização; Exílio.

ABSTRACT: This article aims to draw a parallel between the work of the Argentine writer Paloma Vidal, especially her first novel, *Somewhere* (2009), and the movie *At what time does she come back?* (2015), by Anna Muylaert, with a view to exploring issues such as displacement, deterritorialization, frontier lives. We will use as theoretical support the thought of intellectuals such as Édouard Glissant, Edward Said, Néstor García Canclini and Beatriz Sarlo.

KEYWORDS: Cinema; Literature; Displacement; Desterritorialization; Exile.

INTRODUÇÃO

Uma espécie de expressão guarda-chuva, o termo “deslocamento” destaca-se, no escopo da discussão suscitada por este artigo, por algo que vai além dos vários sentidos que abriga. Talvez se revele como a palavra que mais consegue sintetizar a natureza dos fenômenos que ora persistem ou se acentuam no século 21. A era da Revolução Digital ainda protagoniza dinâmicas discriminatórias que tentam por à margem populações e categorias sociais. E, se por um lado, é palco de expressivos fluxos migratórios atraídos por ricas experiências internacionais, por outro, testemunha a crise dos refugiados, o drama, sob vários aspectos, de exilados e desterritorializados.

Problematizar a noção de deslocamento, na perspectiva plural aqui adotada, pressupõe atravessar questões ensejadas pelas ideias de fronteiras, limites, outridade, mudanças, conflitos (de toda ordem). Em sintonia com o caráter multifacetado desta análise, optou-se por se trabalharem duas obras, uma cinematográfica e outra literária. Trata-se do filme brasileiro *Que horas ela volta?* (2015), de Anna Muylaert, a ser desdobrado em paralelo com o romance, *Algum Lugar* (2009), da escritora argentina radicada no Brasil Paloma Vidal, também professora universitária.

Vidal veio para o Brasil aos dois anos de idade, com os pais, perseguidos pela ditadura na Argentina. Passou a infância e a juventude no Rio de Janeiro, sem jamais se naturalizar brasileira. O teor autobiográfico expresso na problematização quanto à condição do viver entre fronteiras, vem marcando tanto a construção de seus textos ficcionais, como os acadêmicos. Antes de fazer a conexão Rio-Los Angeles nesse seu primeiro romance, *Algum Lugar*, a autora já ambientara seus personagens entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, na coletânea de contos *A duas mãos* (2003), e ilustrara viagens traumáticas nas pequenas narrativas de *Mais ao Sul* (2008).

A experiência e condição da Paloma Vidal de se encontrar entre culturas e entre línguas se repete quando a escritora segue para Los Angeles com o objetivo de estudar para o doutorado. Algo que se confunde mesmo com o enredo de *Algum Lugar*, engatilhado durante esse período. Na obra, a protagonista se muda para Los Angeles para desenvolver sua tese de doutorado, mas se mostra indiferente ao desconhecido. No seu isolamento, não avança no trabalho acadêmico nem no relacionamento amoroso. Deslocada, desiste da tese e regressa ao Rio de Janeiro, cidade de origem, onde também, após a experiência, não se reconhece.

Já em *Que horas ela volta?* a configuração assumida pela ideia de deslocamento ganha outros contornos, a serem esmiuçados ao longo do

artigo. O filme retrata a vida da empregada doméstica vivida por Regina Casé, Val, egressa do interior de Pernambuco, que se muda para São Paulo com o objetivo de buscar melhores condições de vida, muito em função de sua filha, Jéssica, deixada no Nordeste. Trabalha, há anos, em uma casa de família de classe média, em aparente equilíbrio, ameaçado com a vinda de Jéssica à cidade para prestar vestibular.

A partir dessas obras ficcionais, as particularidades subjacentes à noção de deslocamento exploradas neste trabalho serão tratadas com base nas abordagens teóricas de estudiosos como Glissant, Said, Canclini, Bhabha. Também virão à baila nuances levantadas por Clifford, Stuart Hall, Bhabha, Jameson, Sarlo e Risério.

DE OPÇÃO A CONDIÇÃO: DESLOCAMENTOS, DESTERRITORIALIZAÇÃO E EXÍLIO

Em um primeiro momento, é possível que se tenda a pensar que o *filme Que horas ela volta?* consiste em mais uma obra nacional de ficção a explorar os velhos clichês da desventura e desassossego (bem como, outras construções e imagens pasteurizadas) da vida de uma retirante, que deixa para atrás as mazelas do Nordeste brasileiro na tentativa de galgar uma vida mais bem estruturada em um grande centro urbano. No desenrolar da trama, ao ser costurada a vinda para São Paulo da filha de Val, que, sem a mãe saber, manteve igualmente o próprio filho na terra-natal, essa ideia vem a se reforçar. A jovem predestinada a repetir os passos da mãe. Talvez, a própria roteirista e diretora tenha sido tentada a enveredar por esse caminho. Talvez também é que possa ter, em sintonia com o cenário social brasileiro das últimas décadas, se decidido por explorar um vislumbre de mudança por meio do provável ingresso da moça em uma das universidades mais concorridas do País.

Nesse sentido, a singularidade da película poderia parecer residir justamente nesse desvio de abordagem. No entanto, desvela-se como o trunfo do filme a forma sutil e profunda com que a cineasta conduz justamente os aparentes lugares-comuns. Terá a sociedade brasileira superado, efetivamente, esses supostos estereótipos? É difícil conceber que, sim, faz-se ainda hoje bastante presente a discriminação contra determinadas ocupações de trabalho, classes sociais, gênero e lugares de origem? Sim, pois embora a Região Nordeste do Brasil tenha se tornado atrativa em termos de investimento, sugerindo o movimento no sentido oposto, o fluxo de

nordestinos seduzidos pelo Centro do País ainda é considerado expressivo?

A história da empregada doméstica Val é flagrante quanto à questão da desterritorialização no sentido do exposto por Canclini (2011, p. 288), como processo de “perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais”. A sensação de outridade é internalizada pela protagonista, resignada à condição subalterna. Jéssica é, então, a figura responsável por contestar a relação de poder e os valores degenerados incorporados pelos donos da casa e naturalizados pela empregada. A chegada da jovem também leva a um rearranjo interior quanto à postura do marido e mulher no funcionamento da casa. Fica claro, então, que é o Dr. Carlos o responsável financeiro pela casa, a personalidade apática do patrão dá vez a um galanteador culto e a aproximação ensaiada, em tão pouco tempo, junto a Jéssica é sugestiva, por vezes, de um comportamento do típico aproveitador que assedia, mas também de um interesse sincero.

A escritora Paloma Vidal igualmente trabalha, na sua obra de ficção, personagem levada a vivenciar o simulacro do deslocamento no sentido da desterritorialização, bem como, a nível de abstração, como conflito de ordem interna. Traz uma brasileira que tenta, na companhia do marido, forçar uma adaptação em Los Angeles. A protagonista resiste, porém, ao modo de vida naquela cidade. Para a personagem, a Los Angeles faltava concretude. “Vamos de casa para a biblioteca, da biblioteca para casa. A cidade se tornou, rapidamente, um pano de fundo. É quase como se não existisse e seu apagamento nos ampara na tarefa que viemos cumprir” (VIDAL, 2009, p. 37). Revela-se como um espaço amorfo, impenetrável, inapreensível e disperso. Mesmo com todo um horizonte por ser descoberto e explorado, a personagem se sentia isolada.

“Constato que se não tenho um espaço meu do lado de fora, meus pensamentos não me pertencem” (VIDAL, 2009, p. 21). A protagonista necessitava de se reconhecer em algum lugar. O próprio reconhecimento de si disso dependia. O reconhecimento de si também como sujeito no mundo. Ao se encontrar em uma cidade cosmopolita, populosa e multicultural, ela vivencia um estado de confusão, em função da sensação de deslocamento, sem saber precisar o uso de uma linguagem em um determinado contexto.

Há poucas pessoas no ônibus, *as usual*. Um grupo de adolescentes conversa e ri. [...]. Um dos meninos diz “*te fuište, te fuište*” e elas [duas meninas] riem, respondendo em inglês com desaforo.

No último banco, uma mendiga [...]. Há vários *homeless* como ela nas redondezas do apartamento. [...] A maioria são negros e falam um inglês cheio de gírias que eu compreendo mal (VIDAL, 2009, p. 28).

A personagem vivencia um “jogo de linguagem”, a exemplo do que esmiúça, em sua obra, o filósofo Wittgenstein, para o qual a linguagem está associada a uma forma de vida, contexto, história. A protagonista está, como sujeito em meio a diferentes culturas, mergulhada em dois universos distintos e sente a necessidade de elaborar seu pensamento, transmitir suas ideias, em duas línguas simultaneamente. A pluralidade experimentada no contexto e internalizada por ela é refletida em sua linguagem. Condição a ser acentuada tendo em vista o caráter de mudança, e não de uma simples viagem, daquela estadia em Los Angeles.

Clifford (2000, p.75), no seu *Culturas Viajantes*, ressalta que, ao se colocar “o viajar em primeiro plano como prática cultural, então, o morar precisa ser também reconcebido – não mais como a simples base de partida e de retorno da viagem”. Nesse sentido, o etnógrafo se inclina para a ideia de *habitus*, como um “conjunto de práticas e disposições, parte das quais poderia ser lembrada, articulada em contextos específicos” (CLIFFORD, 2000 p.75), em referência direta a Bourdieu (2011). Sujeito diaspórico, a protagonista de *Algum Lugar* leva consigo algo de seu lugar anterior, passível de manutenção, passível igualmente de transformação.

Na volta ao Rio de Janeiro, a personagem principal é, do mesmo modo que em Los Angeles, tomada pela sensação de inadequação.

Quando voltei de Los Angeles, experimentei alguns passeios, como se fosse preciso reconhecê-la. [...] Andava então pelas ruas como se nelas fosse recuperar algo que se perdeu. Só que elas se mostravam indiferentes à minha busca. Simplesmente estavam ali, como se o tempo não tivesse passado. [...] O mesmo acontecia com a cidade: ela não exigia nada de mim. Não queria nada novo. Era eu quem buscava nela uma justificativa para a inadequação do retorno. Quando percebi que ela não cederia, que não se deixaria transformar num alibi, as errâncias das primeiras semanas cessaram. (VIDAL, 2009, p. 126-127).

A referência ao mundo anterior à experiência do deslocamento é evidenciada pela mãe da personagem, mas em condição distinta. Trata-se

de uma argentina expatriada. Curioso é que, ao ter oportunidade de visitar a cidade-natal, Buenos Aires, ela passa, então, a se reportar todo tempo ao Rio, onde mora.

Agora, andando por lugares aos quais tantas vezes fazia referência, é como se visse tudo espelhado: de um lado, Buenos Aires, do outro, o Rio, complementares, uma inexistente sem a outra. Esta aqui é como se fosse a Visconde de Pirajá, diz referindo-se a uma avenida comercial de Palermo; aqui é o nosso Aterro; esta é nossa Confeitaria Colombo e esta avenida é como se fosse a Rio Branco. [...]. Todos os sentidos precisam se deslocar para essa outra geografia da qual não consegue mais se desprender, como se não lhe fosse mais possível ver, só comparar (VIDAL, 2009, p.168).

A matéria de que trata o livro evoca, em parte, a trajetória pessoal da autora. No caso, o Brasil foi o destino dela e dos pais, argentinos alvos de repressão política, no contexto do cenário político das décadas de 1960 e 1970 na América Latina, envolvendo as ditaduras militares. A literatura praticada por Vidal representa um eco desse período, em sintonia com o que observa Said (2003, p. 54), para quem as produções literárias e intelectuais se destacam como algumas das formas através das quais um exilado, esboçando um novo mundo, tentaria contrabalançar a perda desconcertante.

Cada um protagoniza a viagem à sua maneira: há aqueles que mudam de país, que mudam de nacionalidade, há aqueles que vão mais longe e aqueles que se perdem, mas todos invariavelmente viajam. O exílio é mais uma dessas viagens, que em muitos casos se torna uma viagem escrita (VIDAL, 2004, p. 52).

Em suas produções intelectuais, tanto o pensador palestino como a escritora argentina radicada no Brasil, enfatizam o caráter angustiante da condição do exílio, do desarraigamento do lar. Talvez o sentimento de não pertencimento a outro lugar seja uma forma de reivindicação das raízes do exilado, de declaração ao coletivo, mas principalmente para si, de que ele também possui uma origem, um passado. Essa busca pelas raízes não necessariamente se enfraquece com o passar das gerações, podendo ser transmitido como herança.

A circunstância do exílio, contudo, adquire mesmo um viés

filosófico. Quem, em algum momento, não chegou a se sentir cindido, perdido, deslocado? Quem nunca se reconheceu ilhado e sem perspectiva de resgate? Refere-se, dessa forma, à própria condição precária do homem. Inclusive, no romance, a protagonista vivencia também algo nesse sentido. Perdera o referencial do casamento. Embora acompanhada do marido no estrangeiro, nunca se mantiveram tão distantes. Tinha se mudado para Los Angeles a fim de levar a cabo o doutorado, mas pouco conseguia avançar. Circunstâncias-limite como as apontadas até aqui terão outras nuances desdobradas no próximo tópico.

VIDAS FRONTEIRIÇAS: SOBRE LIMITES VELADOS, NATURALIZADOS E DILUÍDOS

Entre as questões exploradas pelo filme *Que horas ela volta?*, destaca-se como a mais relevante a relação travada, a partir de uma fronteira simbólica, entre os patrões e a empregada Val. Embora a doméstica pareça ter sido, de maneira terna, incorporada à rotina da casa e de seus membros, situações e elementos refletem o olhar depreciativo dispensado ao papel de Val naquela família. As práticas cotidianas representativas de uma relação desigual de poder haviam, inclusive, sido naturalizadas pela empregada.

A experiência vivida pela personagem de Regina Casé é elucidativa quanto aos limites demarcados historicamente a partir da prática da escravidão. Refere-se a um quadro que reflete as raízes escravocratas do trabalho doméstico no Brasil, cujo processo foi marcado, entre outros aspectos, pela exploração e informalidade da relação patrão-empregada.

De um modo geral, os países da América Latina de bases escravocratas, em virtude da colonização, protagonizaram, mesmo no período pós-abolição, relações envolvendo paternalismo e escravidão (paternalista, de mando senhorial) junto às domésticas. Essa fronteira (in)visível que delimita um lugar de submissão e já naturalizado pela empregada representa um rescaldo dessa origem na escravidão doméstica. Elas viviam sob exploração, disfarçada de proteção e favor.

O pesquisador Maciel Silva (2017) resgata, em sua produção acadêmica, experiências de trabalhadoras domésticas do Recife e de Salvador na escravidão e no pós-abolição e acompanha o despertar de uma consciência quanto à situação de exploração vivida e o vislumbre de um sentimento de classe. O paternalismo dá margem a cenários de aproveitamento e abusos e, levando-se em consideração o contexto atual, embora já seja possível se

contar com um aparato legal em prol do tratamento profissional do trabalho doméstico no Brasil, como aquela se refere a uma prática entranhada na cultura do país, pode levar tempo para ser superada.

A protagonista do romance *Algum lugar* também vivencia uma experiência intervalar, fronteira. No caso dela, destacando-se como a referência direta ao sujeito que a Pós-Modernidade projeta, o qual encontra representação nesse entrelugar, no sentido de assumir um perfil híbrido.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (HALL, 2006, p.75).

Nessa conformação de múltiplas identidades, as particularidades culturais resistentes dialogam, negociam. Essas diferenças não suplantam umas às outras, fazendo-se pronunciar em conexão. Em sintonia com o fenômeno postulado por Glissant como Crioulização, no qual elementos culturais heterogêneos, “equivalentes em valor”, relacionam-se, resultando em algo diferente, inesperado, imprevisível. O filósofo martinicano foca, no caso, não necessariamente no indivíduo, mas, de um modo mais abrangente, atém-se às culturas do mundo quando colocadas em contato umas com as outras. Nesse sentido, a personagem do livro se encontra em um panorama cultural irreversível, de âmbito mundial.

A inquietude experimentada pela protagonista de *Algum lugar* está relacionada à vivência em torno do que Glissant (2005, p. 98) denomina de Caos-Mundo, isto é, “[...] o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos povos na totalidade-mundo contemporânea [...]”. O tal sujeito fragmentado, concebido por Hall (2006, p.12) como dotado de múltiplas identidades, às vezes até “contraditórias ou não resolvidas”, protagoniza o fenômeno da tradução, seguindo Homi Bhabha (1998). Conceito ligado àqueles indivíduos que mantêm laços com as tradições dos lugares de onde se originaram, mas sem a pretensão de uma volta ao passado, e se veem expostos a dialogar com as novas culturas onde se encontram, sem meramente serem absorvidas por elas.

As hifenções híbridas enfatizam os elementos incomensuráveis

[...] como a base das identificações culturais. O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciais: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retraçando as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero ou raça. Tais atribuições de diferenças sociais – onde a diferença não é nem o Um nem o Outro, mas *algo além, intervalar* - encontram sua agência em uma forma de um ‘futuro’ em que o passado não é originário, em que o presente não é simplesmente transitório. Trata-se [...] de um futuro intersticial, que emerge *no entre-meio* entre as exigências do passado e as necessidades do presente (BHABHA, 1998, p.301).

Dentro da perspectiva da Relação, alicerçada por Glissant, da capacidade de se manter aberto ao contato intercultural, em direção ao diverso, ao outro, fundamenta-se a noção de “identidade-rizoma”. A imagem glissantiana faz referência à abstração de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (2004). A abordagem rizomática se contrapõe à ideia de identidade como raiz única e diz respeito aos vários entrelaçamentos multidirecionais construídos a partir da interação com o diverso. Nesse sentido, Glissant contesta a:

[...] concepção sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma crioulização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única mas como raiz indo ao encontro de outras raízes (GLISSANT, 2005, p.27).

É possível afirmar que a personagem criada por Vidal no romance analisado personifica esse processo, muito ligado a um sentido e conjuntura de coletividade. A protagonista possui, por exemplo, ascendência argentina, vive no Brasil e se muda para Los Angeles, onde traça relações com americanos e *hispanohablantes* e se insere nesse cotidiano, bem como convive com indivíduos das mais diversas procedências.

Um dos atuais desafios, apontados por Glissant (2005, p. 108), é justamente de que se reflita sobre como cada um experiencia a sua identidade, da importância de se adotar o imaginário do todo-o-mundo, que envolve a

capacidade de se viver em seu lugar estando em relação com a totalidade-mundo. Mais do que ser interessa o estar em uma rede de relações, com o outro e outras culturas. A totalidade-mundo, ideia que se contrapõe à noção de sistema e universalidade ou universal generalizante, consiste, segundo o pensador, numa imbricação cultural, um contato de interdependência em que todos têm necessidade de todos.

ENTRE ENLEVOS E RELEVOS: CONTORNOS DA PAISAGEM PELA MÍDIA E PELA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

A famigerada Pós-Modernidade está imbricada com o ritmo acelerado de consumo, com a fase pronunciada do capitalismo transnacional. A expressão é aplicada aqui em concordância ao que defende Jameson:

[...] ele não é apenas mais um termo para a descrição de determinado estilo. É também, pelo menos no emprego que faço dele, um conceito de periodização cuja principal função é correlacionar a emergência de novos traços formais na vida cultural com a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica – chamada, frequente e eufemisticamente, modernização, sociedade pós-industrial ou sociedade de consumo, sociedade dos mídia ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional (JAMESON, 1985, p.17).

Nesse contexto no qual se destaca o consumo exacerbado hoje, nunca é demais evidenciar o papel de protagonismo exercido pela mídia. Muito da relação da sociedade com o mundo é costurada por ela. A “realidade” a que se tem acesso, por vezes, é justamente através dos meios de comunicação. Assim sendo, nem sempre o resultado proveniente de uma experiência direta com algo, não-mediada, corresponde ao que fora imaginado a partir do exposto sobre isso pela mídia.

Sarlo (2014) traz o exemplo das expectativas dos viajantes criadas a partir das imagens e descrições dos destinos turísticos em conteúdo publicado nos guias especializados. O meio produz, nesse sentido, uma cidade imaginária para quem não a conhece. Por meio de determinados itinerários estrategicamente montados a fim de proporcionar uma certa experiência do lugar ao turista, predominantemente, positiva, o visitante pode reforçar a ideia pré-concebida sobre tal destino. Embora esse tipo de vivência do local, ressalta Sarlo (2014, p.179), constitua uma “realidade”, o viajante pode

conceber o excepcional como particularidades típicas da localidade.

Assim sendo, uma cidade pode parecer ser, de um modo geral, segura, sem congestionamento, organizada, promissora, limpa, quando, efetivamente, foram escolhidos determinados trechos da localidade, visitados em horários específicos. Em outras palavras, a experiência vivenciada pelo turista e/ou a impressão tida do destino a partir do veiculado na mídia representa algo peculiar que, em geral, difere daquilo sentido por quem possui uma relação rotineira (faz uso por trabalho, estudos) com o local, por isso, mais exposto às suas adversidades. Dado o exposto, torna-se compreensível a configuração que assumem, no imaginário coletivo, centros urbanos importantes do ponto de vista financeiro e de entretenimento, como São Paulo e Los Angeles, nos casos em estudo, e o fascínio que são capazes de exercer sobre as pessoas.

No contexto do filme analisado, a personagem Jéssica, na ida a São Paulo, surpreende-se ao saber que, mais de dez anos depois, a mãe, Val, ainda não tinha adquirido casa própria e morava no quartinho dos fundos da residência dos patrões. Além disso, ao precisar sair da casa deles, somente foi possível a Val estabelecer moradia em um quarto de periferia. A São Paulo de *business magazines*, das oportunidades de trabalho, emprego, negócios e prosperidade também se revelava a Jéssica como uma cidade permeada pela desigualdade social acentuada. Risério (2012) expõe, em detalhes, como o processo de transformação de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, e de outras cidades, em busca da modernização, ocorreu de forma desequilibrada e segregacionista, gerando ou acentuando contrastes.

Os bairros industriais, populares, cresciam por sua conta e risco, escanteados ou ignorados pelo poder público, que direcionava políticas e ações urbanísticas para o centro da cidade e para as zonas residenciais ricas, os “jardins” da elite paulistana. A “cidade europeia”, com que esta elite sonhava, não comportava cortiços, nódoas de miséria, feiuras da pobreza. [...] De que não passavam de miragens perturbadoras, focos periféricos que não diziam respeito à cidade propriamente dita, numa atitude que ainda hoje se reflete na visão dos paulistanos socialmente privilegiados, que costumam falar da cidade como se ela se resumisse ao chamado “centro expandido” [...] (RISÉRIO, 2012, p. 204).

Do mesmo modo, a empregada doméstica ainda guardava com relação à terra-natal, um interior de estado nordestino, visão já muito

disseminada, de atraso da região. Talvez, de certo modo, correspondente somente à época de sua partida. Assim é que ela orienta a filha a fazer a inscrição no vestibular quando estivesse na capital paulista e se admira ao saber que a filha já fizera, ainda em casa, pela internet.

A realidade de que se nutriu o regionalismo deu lugar a tratores e colheitadeiras. Às experiências científicas inovadoras da Embrapa. E o computador chegou ao curral. O campo foi e continua sendo tecnologicado. Está, cada vez mais, *high tech* (RISÉRIO, 2012, p.216).

Também a Los Angeles de *Algum Lugar* é um espaço com contornos muito projetados pela mídia. Evidenciada, com frequência, nas telas de cinema, passa a sensação de familiaridade, apazibilidade. Algo confessado pela protagonista do romance:

Em breve, estaremos atravessando a cidade. O que veremos será bastante próximo de um cenário onde os contornos entre realidade e ficção se desmancham. A imaginação nesse caso não terá trabalhado sozinha, daí essa sensação de que tudo já foi visto em algum outro lugar fora daqui. [...] me fará abrir a janela para me entregar à paisagem transparente que a cidade oferece, seduzindo-me com uma familiaridade simulada, de casas baixas e palmeiras, lojas e marcas conhecidas, de longas avenidas sob um céu perfeitamente azul. Deixarei que ela me seduza com sua geometria cinematográfica [...] (VIDAL, 2009, p. 17).

Já estabelecida na cidade, porém, passa a conhecer determinados aspectos destoantes das imagens hollywoodianas. Identifica uma mendiga e “vários *homeless* como ela nas redondezas do apartamento” (VIDAL, 2009, p.28). Como *flâneur*, experiencia a cidade e a percebe, então, como um lugar amorfo, amplo, aberto, de difícil apreensão e disperso.

Efetivamente, se a cidade fosse outra, poderia andar até lá. É uma linha reta, constato no mapa, mas o que significa nessa cidade uma linha reta entre um ponto e outro? Sabe-se lá quantos viadutos, avenidas impossíveis de atravessar, ruas sem calçada haverá entre o apartamento e a entrada do museu (VIDAL, 2009, p.38).

No próximo capítulo, será abordada uma questão mais específica oportunizada pela experiência desse tipo de deslocamento: nuances relacionadas ao uso das línguas.

LINGUAGEM É BAGAGEM: PADRONIZAÇÃO E DIVERSIDADE QUANTO AO USO DAS LÍNGUAS

Um aspecto relevante que vem à tona, tanto a partir do filme quanto do exposto no romance sob análise, no que diz respeito à temática do deslocamento, refere-se ao manejo e tratamento da língua frente à diversidade.

Em *Que horas ela volta?*, o filho dos patrões, Fabinho, ironiza o fato de Jéssica falar semelhante à mãe, ou seja, com sotaque e expressões ligadas ao universo nordestino. A cena alude à dinâmica própria do Caos-Mundo, defendido por Glissant (2005). No seio do que ele chama Crioulização, elementos culturais distintos dialogam, mas isso pressupõe uma relação de intervalorização. A atitude do jovem, em termos ilustrativos e em um sentido mais restrito, evoca a problemática quanto ao risco da estandardização. Seria supor existir o domínio de uma, no caso, variação linguística sobre a outra.

“A defesa da língua é incontornável e é através dessa defesa que nos opomos à estandardização” (GLISSANT, 2005, p. 52). Isso, porém, não implica em se estabelecer uma atitude de fechamento. Na perspectiva da Relação, pelo ensaísta antilhano, identidades, sem receio de diluição, precisam se manter abertas e aceitar se transformar ao permutar com o outro.

Na trama apresentada por Vidal, falta disposição à personagem para adentrar no inglês usado no dia a dia. Se aprofundar na língua e dessa forma se expressar representaria pertencer. “Se depender de Los Angeles, nosso inglês permanecerá eternamente como é: uma língua básica, latinizada, de passagem” (VIDAL, 2009, p. 21). Dessa maneira, enfatiza o caráter temporário da estadia e a indisposição em criar um vínculo mais forte com a cidade.

O impasse em que a protagonista se mantém com relação ao uso das línguas estrangeiras é bastante marcante no romance. A personagem não sabe se aplica o inglês-padrão nas conversas com Luci, amiga coreana que fala Espanhol e também estava em Los Angeles. Além disso, considera-se uma farsante ao precisar lá dar aula de Língua Espanhola, por possuir um Espanhol pouco preciso, “de segunda geração”, em alusão à mãe, argentina.

Também justapõe línguas diversas em um mesmo raciocínio: “Há poucas pessoas no ônibus, *as usual*” (VIDAL, 2009, p. 28).

As várias situações criadas por Vidal são emblemáticas da frequência com que hoje os indivíduos são levados a interagir com o diverso. Segundo Glissant (2005, p. 50-51), “chegamos a um momento da história em que constatamos que o imaginário do homem necessita de todas as línguas do mundo [...]”. Isso não significa que é preciso dominar vários idiomas. Mais que conhecimento técnico, trata-se de uma questão de postura diante do mundo, o que envolve um “imaginário das línguas”.

É o multilinguismo o que propõe o pensador no tocante à dimensão da linguagem. Defende: “[...] o multilinguismo não supõe a coexistência das línguas nem o conhecimento de várias línguas, mas a presença das línguas do mundo na prática de sua própria língua” (GLISSANT, 2005, p.51). A fim de preservar a diversidade, o multilinguismo:

Não é uma questão de falar as línguas. Não é esse o problema. Pode-se falar apenas a sua língua. Trata-se da maneira mesma de se falar a própria língua: aberta ou fechada, ignorando-se a presença das outras línguas ou tendo-se a pré-ciência de que as outras línguas existem e de que elas nos influenciam mesmo sem que o saibamos. Não se trata de ciência, de conhecimento das línguas, mas sim do imaginário das línguas. Não se trata de justaposição das línguas, mas de sua conexão em rede (GLISSANT, 2005, p.145).

Desperta ainda atenção, no romance, a relação com a língua por parte da mãe da protagonista. Expatriada da Argentina, é invadida pela melancolia sempre que percebe o quanto perdeu de sua própria língua. Envolvendo a questão da cultura da diáspora, Clifford (2000, p.75) enfatiza o quanto a memória se torna “um elemento essencial na manutenção de um sentido de integridade – memória que é sempre construtiva”. Trata-se de uma matéria complexa, que compreende variáveis. Por exemplo, Clifford (2000, p.75) salienta que determinadas experiências de diáspora “mostram também graus variados de continuidade, de algo semelhante a uma memória coletiva [...]”. Assim sendo, refere-se a uma discussão profícua que enseja um trabalho futuro.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

As questões desdobradas neste trabalho referem-se a algo que toca de forma profunda a todos. Perpassa a questão do eu, da alteridade, da vida em sociedade, do estar e se relacionar no mundo. Isso. Mais do que “ser”, hoje, em especial, importa o “estar”, que sugere movimento, fluidez, transformação. Deslocado, deslocar-se, deslocar. A viagem pode ser interna, um se mover para longe ou o ato de afastar o outro, excluir. Encontros e desencontros. Contato, barreiras, conflitos, trocas, relação.

Parar para refletir sobre tudo que está subjacente à palavra deslocamento leva a questionamentos do tipo “Para onde estamos indo?”. O vislumbre pode ser tanto de algo inspirador quanto de algo preocupante. Servindo-se de lições glissantianas, seria construtivo pensar que, mais do que conhecimento, esse horizonte depende da postura de cada um, de todos, frente ao mundo. É o estar aberto, o se dispor, o deixar fluir.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 2^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 50-79.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. Trad.: Vinícius Dantas. *Novos Estudos*.

Cebrap. São Paulo, n. 12, p.16-26, jun.1985.

RISÉRIO, Antonio. *A cidade no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2012.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SARLO, Beatriz. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SILVA, Maciel Henrique. O mundo do trabalho doméstico entre o costume e a lei: experiências sociais de trabalhadoras domésticas de Recife e de Salvador na escravidão e no pós-abolição. *Tempos Históricos*. Vol. 21. 2017. p. 16-38.

VIDAL, Paloma. *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

Os infinitos jogos da linguagem de Wittgenstein. Disponível em: <https://questcosmic.wordpress.com/2014/10/12/os-infinitos-jogos-de-linguagem-de-wittgenstein/>. Acesso em: 13 julho 2017.

